



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

JOSÉ ROBERTO GOMES DE SOUSA

**HISTÓRIA LOCAL E IMAGEM: MODERNIZAÇÃO, EXPANSÃO URBANA E A
DECADÊNCIA DA ARTE CIRCENSE E DO FUTEBOL DE PELADA NO BAIRRO
DO CRUZEIRO**

CAMPINA GRANDE - PB

2018

JOSÉ ROBERTO GOMES DE SOUSA

**HISTÓRIA LOCAL E IMAGEM: MODERNIZAÇÃO, EXPANSÃO URBANA E A
DECADÊNCIA DA ARTE CIRCENSE E DO FUTEBOL DE PELADA NO BAIRRO
DO CRUZEIRO**

Artigo apresentado como exigência do curso de licenciatura em História, do Centro de Educação da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para a obtenção do título de licenciatura em História.

Orientador: Prof. Dr. Matusalém Alves Oliveira.

Campina Grande - PB

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S725h Sousa, José Roberto Gomes de.
História local e imagem [manuscrito] : modernização, expansão urbana e a decadência da arte circense e do futebol de pelada no bairro do Cruzeiro / José Roberto Gomes de Sousa. - 2018.
32 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.
"Orientação : Prof. Dr. Matusalém Alves Oliveira, Coordenação do Curso de História - CEDUC."
1. História cultural. 2. História local. 3. História de Campina Grande. I. Título

21. ed. CDD 981.33

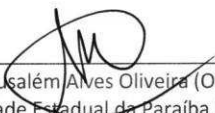
JOSÉ ROBERTO GOMES DE SOUSA

HISTÓRIA LOCAL E IMAGEM: MODERNIZAÇÃO, EXPANSÃO URBANA E A DECADÊNCIA DA ARTE CIRCENSE E DO FUTEBOL DE PELADA NO BAIRRO DO CRUZEIRO

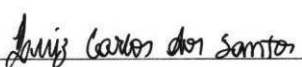
Artigo apresentado como exigência do curso de licenciatura em História, do Centro de Educação da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para a obtenção do título de licenciatura em História, sob a orientação do Professor Doutor Matusalém Alves Oliveira.

Aprovada em: 10/12/2018.


BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Matusalém Alves Oliveira (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Luiz Carlos dos Santos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. ME. Jordan Queiroz Gomes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me concedido força nessa longa jornada acadêmica.

A minha família, especialmente a minha esposa Heveline, meus filhos Henrique e Luiza por compreenderem a minha ausência provocada pelas horas de estudo e de trabalho.

A minha mãe Maria de Lourdes, por ter me acompanhado e me ajudado sempre que precisei.

A meu pai Martins Gomes de Sousa, meus irmãos João Paulo, Luciano e Lusinaldo, que me encorajaram nos dias difíceis. A meu primo Leandro Oliveira, pessoa que considero um irmão.

Ao professor Luiz Carlos por seus ensinamentos, paciência e por ter proporcionado os direcionamentos da pesquisa.

Ao professor Iordan, por me proporcionar conhecimento e fazer parte da minha formação acadêmica.

Ao professor orientador Dr. Matusalém por ter estado presente sempre que precisei.

E por fim, quero agradecer toda a comunidade do bairro do Cruzeiro por apoiar esta pesquisa e ceder-me documentos que contribuiram imensamente para a conclusão deste trabalho.

No Passado, podiam-se acusar os historiadores de querer conhecer somente as “gestas dos reis”. Hoje, é claro, não é mais assim. Cada vez mais se interessam pelo que seus predecessores haviam ocultado, deixado de lado ou simplesmente ignorado.

Carlo Ginzburg

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
Capítulo I	
1 Prática historiográfica ou ofício do historiador.....	08
1.2 Os Annales e a Nova História cultural.....	08
1.3 A imagem como fonte histórica.....	10
1.4 Percursos da História local.....	11
Capítulo II	
2. Desejo, modernização e urbanização da cidade de Campina Grande rumo aos bairros periféricos.....	13
2.1 O bairro do Cruzeiro, localização e limites.....	16
2.2 Um passado revelado: O cotidiano dos moradores do bairro do cruzeiro entre o final da década 1980 e 1990.....	17
2.3 Práticas de lazer no bairro do Cruzeiro: a urbanização e a decadência dos campos de pelada.....	22
2.4 Ser criança no bairro do Cruzeiro na década de 1990.....	25
2.5 As artes circenses no bairro do Cruzeiro.....	27
Considerações Finais.....	29
Referências.....	30

RESUMO

A cidade de Campina Grande já foi analisada por vários estudiosos, entre eles Geógrafos, Sociólogos e Historiadores. No entanto, ao tratar da cidade alguns destes estudiosos não têm dado aos bairros da cidade uma devida importância. É nesse sentido que o trabalho embasado pelos pressupostos da nova História Cultural e História Local, tem o objetivo de analisar o cotidiano dos moradores bairro do Cruzeiro nos anos finais da década de 1980 ao início do século XXI. A pesquisa trilhará sua narrativa usando como método, o indiciário o qual o historiador utiliza para descobrir os silêncios do passado através dos vestígios iconográficos. Todavia não deixaremos de dar à devida importância as fontes escritas que auxiliam e dão sustentação ao ofício do Historiador. O trabalho está dividido em dois capítulos: no primeiro foi desenvolvida uma consulta bibliográfica para entender as mudanças metodológicas ocorridas no ofício do historiador e como essas mudanças têm contribuído para as novas pesquisas; no segundo capítulo, foi desenvolvida uma garimpagem e exploração de imagens, com objetivo de compreender a dinâmica da modernização e urbanização do bairro do Cruzeiro e como esses fenômenos influenciaram no cotidiano dos moradores.

Palavras-Chave: Fotografia. História local. Cultura.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem o objetivo de analisar/ registrar a História dos moradores do bairro do Cruzeiro em Campina Grande – PB, entre os anos finais da década de 1980 e início do século XXI, embasado pelos pressupostos da Nova História Cultural e da História Local.

Um dos aspectos importantes para realizar uma pesquisa no campo da História Local é a necessidade de contemplar certos recortes que a História Nacional não contempla e conseqüentemente acaba impactando no ensino e na concepção de mundo dos sujeitos históricos. A História Local aproximada dos métodos da Nova História Cultural tem a finalidade de trazer à tona outros sujeitos, antes marginalizados ou negligenciados pela História tradicional, isso tem contribuído para o desenvolvimento de estudos que dão ênfase a história das pessoas comuns.

A pesquisa está dividida em dois capítulos, o primeiro foi desenvolvido a partir de uma consulta bibliográfica de autores que trabalharam os conceitos de História Local e História Cultural e do pressuposto enfatizado por José D'Assunção (2011, p.26) o qual afirma que "... Um tema de pesquisa Histórica (ou qualquer outra modalidade de pesquisa) deve ser relevante não apenas para o próprio pesquisador, como também para outros homens de seu tempo". Deste modo, um aspecto a ser considerado no primeiro Capítulo é a tentativa de

compreender as mudanças ocorridas no campo da História e como essas mudanças têm contribuído para o ofício do historiador.

O segundo capítulo foi desenvolvido através da coleta de vestígios pessoais e dos moradores do bairro, entre os vestígios demos uma devida importância às imagens fotográficas e matérias jornalísticas, através deles pudemos compreender a dinâmica da modernização e urbanização do bairro do Cruzeiro, e as disputas pelo espaço entre os anos finais da década de 1980 e início do século XXI, como a modernização e urbanização impactaram nos hábitos e nos costumes dos moradores, e as táticas desenvolvidas pelos moradores para reinventarem o cotidiano.

1. Prática historiográfica ou ofício do historiador

A escrita da história pode ser desenvolvida em diversas perspectivas, Jenkins afirma que: “A história é um discurso em constante transformação construída pelos historiadores e que da existência do passado não se deduz uma interpretação única: mude o olhar, desloque a perspectiva, e surgirão novas interpretações. (Jenkins, 2011, p.33)”.

Segundo Sandra Pesavento “a partir da década de 1990 houve uma virada na escrita da História, tendo em vista que a grande maioria das pesquisas correspondia a História Cultural” (PESAVENTO, 2012, P.8). Quando os historiadores passaram a dar uma maior ênfase ao cultural? Qual a contribuição da História Cultural para o ofício do historiador?

1.2 Os Annales e a Nova História cultural

Podemos datar tal empreitada a partir do final do século XX, mas foi em 1930 que ocorreu uma renovação no ofício do historiador com a criação da escola dos Annales por Lucien Febvre e Marc Bloch cuja principal característica dessa escola era seu diálogo com outras ciências como a filosofia, geografia e sociologia. Esse programa recusava a narração dos eventos históricos de forma evolutiva e linear, assim como faziam os historiadores positivistas do século XIX, porém davam ênfase a uma história total ou global; os historiadores pretendiam compreender o homem em sua totalidade, pois segundo José Carlos Reis “a primeira geração estava mais próxima da tradição iluminista” (REIS, p.79, 2006).

A escola ou projeto dos Annales pode ser dividida em três gerações¹ as quais apesar de terem dado prosseguimento as ideias centrais, apresentaram novos conceitos e formas de abordagens que o diferenciavam. A primeira com os fundadores Lucien Febvre e Bloch, a qual estava mais próxima da tradição iluminista como foi dito anteriormente; a segunda sobre o comando de Braudel manteve-se fiel ao humanismo dos fundadores e o desejo de uma consciência global com ênfase em uma abordagem econômica e social mais próxima do marxismo vulgar; na terceira, houve uma fragmentação do pensamento, um abandono das pretensões globais as quais foram observadas na primeira e segunda geração, houve também uma aproximação mais atenta com a antropologia, o homem foi descentralizado das pretensões do conhecimento abrindo espaço para uma história do imaginário, das mentalidades, os historiadores passam a analisar o medo, o amor, o cheiro, os hábitos as práticas e toda complexidade da vida cotidiana, para compreender tais fenômenos, o Historiador passou a incorporar uma diversidade de fontes, no entanto, ao analisar o seu material, ele passou a enxergar como um discurso uma representação do passado pela qual o homem cria seu espaço dando-lhe significado: “A rigor, o historiador lida com uma temporalidade escoada, com o não visto o não vivido, que só se torna possível acessar através de registros e sinais do passado que chegam até ele.” (PESAVENTO, 2012, p.23).

Deste modo, podemos considerar que os novos estudos a partir da História Cultural não carregam a pretensão de chegar a uma análise do passado absoluto ou objetivo, pois partilha do conhecimento de que tal feito é uma missão impossível, pois mesmo que o historiador voltasse no tempo e revivesse o fato passado, sua análise seria apenas uma perspectiva de enxergar o fato entre uma infinidade de perspectivas que não poderiam ser contempladas em apenas uma pesquisa, ou seja, a narrativa do historiador não passaria de uma representação do passado, uma forma de enxergar o mundo, daí as necessidades desenvolvidas pelos novos Historiadores que passaram a revisar pesquisas tradicionais, abordando em perspectivas diferentes, procurando dar voz, aos vários sujeitos históricos, os sujeitos marginalizados, a exemplo dos negros, dos índios, das mulheres e dos trabalhadores que ganharam novas abordagens. Se antes não apareciam ou eram representados como sujeitos passivos, nos novos estudos foram colocados como protagonistas, as novas pesquisas passaram a observar as imbricações culturais como forma de apropriação e resistência.

Os teóricos não se referem mais as esferas econômicas como um determinante da cultura, mas pensam como as maneiras, as quais os sujeitos em sua relação com o meio e com

¹ Para mais informações ler BURK, Peter. A revolução francesa da historiografia: A escola dos Annales (1929/1989); Tradução Nilo Odília. São Paulo, editora universidade estadual Paulista, 1991.

os outros produzem a cultura, a consciência é determinada pelo ser social em diferentes práticas e não estritamente pela economia. A nova forma de se apreender o objeto permitiu a possibilidade de analisar as produções históricas a partir do seu lugar social, ou seja, dos problemas ligados ao tempo de sua produção dando um novo viés aos eventos passados.

Com as mudanças ocorridas na década 1970, o fazer historiográfico passou de uma história global a uma história em migalhas, de uma história predominantemente socioeconômica a uma história cultural. Com relação às fontes o que mudou com o advento da História Cultural, conforme Almeida (2012, p.158): “... o historiador procura ler as fontes com um olhar antropológico, buscando os significados das ações dos agentes a partir de sua própria cultura” em um segundo momento na mesma página Almeida enfatiza que: “... as abordagens interdisciplinares atuais de historiadores e antropólogos têm caminhado no sentido de cruzar e articular informações... Para isso lançam mão dos mais diversos tipos de fontes, questionando-as e problematizando-as a partir de pressupostos teóricos e conceituais renovados por sua crescente interlocução.” (ALMEIDA, 2012, p.158).

1.3. A imagem como fonte histórica

Conforme Paulo César Gomes (2017) “os Annales deram duas grandes contribuições: a primeira está relacionada à interdisciplinaridade que deu embasamento significativo para aproximação com a antropologia e a outra foi à ampliação do uso de fontes documentais”. A nova história não almeja uma verdade absoluta, não acredita em uma verdade objetiva, todo ponto de vista é válido, desde que esteja alinhado com os métodos e técnicas incumbidos no ofício do historiador. A nova História deu possibilidade para que o historiador ligado à antropologia utilize em sua pesquisa uma multiplicidade de fontes. Entre a multiplicidade de fontes a imagem ganhou força, sendo explorada por muitos pesquisadores, segundo Pesavento: “As imagens estabelecem uma mediação entre o mundo do espectador e o do produtor, tendo como referente à realidade... Afinal, palavras e imagens são formas de representação do mundo que constituem o imaginário.” (PESAVENTO, p.86)

Assim, a Nova História trabalha com a concepção de que os homens constroem o mundo e lhes dão significado através da linguagem, dos códigos que são partilhados socialmente em todas as épocas em seu contexto e singularidade, desta forma podemos considerar que as experiências dos homens no tempo são em sua materialidade uma forma de representar o real. Ainda, segundo Pesavento (2012, p.89) “Da pintura ao cinema, da história

em quadrinhos à fotografia, do desenho à televisão, tais imagens povoam a vida e a representam, oferecendo um campo enorme às pesquisas dos historiadores”.

Paulo César Gomes (2017, p.22) diz que a fotografia possibilita analisar como as pessoas imaginavam o mundo em que viviam, resgatando assim as memórias até então esquecidas. Nesse sentido, podemos indagar que a fotografia e os álbuns de família são fontes insubstituíveis na apreensão do passado, pois cristalizam as experiências dos homens no tempo e lhes dão voz tendo em vista que a fotografia assim como a escrita são formas de linguagem e é através dessas formas de linguagem que os sujeitos representam o mundo e lhe dão forma. Ainda segundo Paulo César Gomes:

As fotografias possibilitam ampliar a visão do historiador, colocam em cena autores sociais em diferentes situações de atuação e permite que se conheçam os cenários em que as atividades cotidianas desenvolvem-se, como também, as diversidades das articulações e das vivências dos atores sociais que atuam em um determinado contexto sociocultural, “construindo a memória” até então esquecida. (GOMES, 2017, p. 23).

Mesmo percebendo que a fotografia é uma fonte insubstituível na reconstrução do passado é preciso chamar a atenção para os perigos que a mesma pode desencadear quando apreendida sem um embasamento teórico e metodológico que conduza os levantamentos desenvolvidos pelo historiador, é necessário que o historiador tenha um conhecimento para não produzir memória ao invés de História, pois os mesmos podem ser confundidos nas suas manifestações de invocar o passado, porém se distanciam, na medida em que o primeiro é facilmente manipulado e o segundo só é possível através de um método rigoroso e por isso mais difícil de ser manipulado no presente, uma vez que passa por uma avaliação de seus pares.

1.4 Percursos da História local

Os métodos e técnicas da História Local têm sido outra forma de abordar o passado e que vem ganhado força nos últimos anos. A História Local pode ser apreendida pelos historiadores em diversas perspectivas em uma delas vem fazendo um exercício pensando os parâmetros curriculares e suas implicações com o ensino; outra perspectiva é constituída pelas análises de um determinado local na tentativa de compreender os mecanismos políticos,

econômicos, culturais e sociais que dão especificidade a um determinado local, percebendo as mudanças e permanências em seu processo histórico. As discussões sobre História Local não é algo novo, partindo da perspectiva ligada ao ensino, estudos apontam que estas abordagens estiveram em pauta nas referências curriculares que datam da primeira década da república nova quando o Brasil estava sob o comando do presidente Getúlio Vargas: “é importante lembrar que a História Local esteve presente desde a década de 1930, nas referências curriculares e instruções metodológica que compunham a referida legislação educacional brasileira” (SCHMIDT, 2004, p.188).

De 1930 a 1990, algumas concepções foram acumuladas nas diretrizes curriculares e nesse intervalo de tempo os debates foram se intensificando de acordo com a necessidade de cada época mesmo quando o ensino de História e Geografia foi substituído pelo ensino de moral e cívica e Estudos sociais, as preocupações com um ensino que aproximavam o educando com o meio, com o mais próximo, eram sinônimas de preocupação das autoridades incumbida de elaborar um modelo de currículo, a ser exigido nas escolas: “No documento de 1971, a localidade era entendida como sinônimo de comunidade... Esse ensino privilegiava o estudo do meio mais próximo e mais simples, deslocando-se, depois, para o mais distante e mais complexo.” (SCHMIDT, 2004, p.188).

Com o fim do regime militar o ensino de História e Geografia entra em cena nas séries iniciais, desde então, os debates sobre História Local foi ganhando força. Na segunda metade da década 1990, foram incorporadas novas indicações pelo Ministério da educação, “a História Local foi tomada como um dos eixos temático de todas as séries iniciais da escola básica, o objetivo era contribuir para construção de pertencimento do aluno a um determinado grupo social, fazendo com que o mesmo percebesse vários modos de viver” (Schmidt, 2004, p.189).

No que se refere às perspectivas do local, a que demonstra mais preocupação com a compreensão de um determinado espaço, sem muitas pretensões com o ensino, mas em compreender as mudanças ocorridas no processo histórico de um determinado lugar, a qual foca um público maior como a comunidade acadêmica e a própria sociedade ou grupo analisado, ganhou força com apoio da nova História, basicamente a partir da década de 1980 quando os historiadores deram uma atenção especial a microanálise em detrimento de uma abordagem global ou geral. Esse modelo não se opõe a História Nacional ou Global, muito pelo contrário, examina a História em uma perspectiva diferente anteriormente não contemplada pela História tradicional: “... a História Local pode viabilizar uma outra escrita

para a História do Brasil... Nesse sentido... emoldura, outros lugares de ação para sujeitos...” (GONÇALVES, 2007,p.182)

No que se referem aos desafios para uma abordagem da História Local Gonçalves afirma que:

... o desafio maior da História Local Hoje é o de produzir outra pedagogia da História, em especial, uma historiografia didática que incorpora o local, parta dele e nisso valorize um caminho de sensibilização que configure a consciência histórica, na sua materialidade historiográfica, como possibilidade de “reconhecer a identidade pelo caminho da insignificância”. (GONÇALVES, 2007. p.177)

O conceito de local apresentado por Gonçalves abarca uma infinidade de coisas, assim como uma cidade, um bairro ou uma praça podem ser constituídos como um local, e que a apreensão do estudo local pode trazer uma enorme contribuição para o ensino quando coloca o educando em contato com o meio, e ainda quando contempla temas antes não contemplados pela História Nacional, levando à identificação de novos sujeitos anteriormente esquecidos ou marginalizados pela essa História. No entanto, mesmo reconhecendo o desafio dos novos historiadores em dar um novo perfil para história nacional não podemos fechar os olhos para os problemas que tais perspectivas podem desencadear, pois o excesso destas produções pode provocar uma supervalorização do local, ou ao desencantamento de uma memória nacional, pois, segundo Circe Bittencourt, em História Local: “a memória é sem dúvida, um aspecto relevante na configuração de uma História Local tanto para Historiadores quando para o ensino”. (BITTENCOURT, 2008, p.168). Para a Historiadora, um dos desafios é desenvolver uma História a qual não possa se identificar com uma memória tal quais as desenvolvidas e petrificadas pela memória nacional “muitas vezes, estes têm sido objeto de estudo escolar, preservando os mesmos pressupostos norteadores da História nacional” (BITTENCOURT, 2008, p.169).

2. Desejo, modernização e urbanização da cidade de Campina Grande rumo aos bairros periféricos

A cidade não é algo novo se pensarmos nela como um território ou centro sociocultural e financeiro. Nessa concepção, pode-se considerar que Nínive e as cidades da Grécia antiga podem ser concebidas como tal, no entanto, ela alcança sua caracterização mais elevada com as cidades industriais do século XIX, a exemplo de Paris e Londres; essas duas

cidades no respectivo século alcançaram um patamar de civilidade extremo para a época. Civilidade entendida aqui como um conjunto de regras que condizem aos anseios de uma determinada sociedade, podendo ser alcançada por meio de uma postura a qual o diferente do outro (o incivilizado, o velho, fora de moda, o rural), essas concepções serviram como espelho para outras cidades inclusive as brasileiras como São Paulo, Rio de Janeiro e a própria cidade de Campina Grande.

Na primeira metade do século XX os campinenses receberam alguns signos do moderno como a chegada do trem, das transformações urbanísticas no centro da cidade, assim como na área do esporte, a exemplo do futebol, época em que foram originados os dois principais clubes de Campina Grande o Treze Futebol Clube (TFC) e o Campinense Clube (CC), na mesma época os campinenses ainda receberam a luz elétrica, dentre outros.

No início do século XX, como já foi citado, também foram implantadas várias medidas pela gestão campinense, essas medidas provocaram uma descaracterização da paisagem urbana da cidade. Naquela ocasião o prefeito Vergniaud Wanderley², que ficou conhecido como o Pereira Passos Campinense, impulsionado pelo desejo de mudança, desencadeou drástica empreitada, a qual contou com a demolição de casas, edifícios como a do Paço Municipal que ficava vizinho a igreja matriz de Campina Grande, além de segregação social, pois as pessoas que não conseguiram se adequar aos novos moldes da cidade “moderna” foram empurrados para as áreas periféricas.

Embora a cidade tenha experimentado os signos considerados modernos no início do século XX, o mesmo não aconteceu com os bairros, uma vez que a própria cidade na época trabalhada por Severino Cabral ainda era considerada mais rural que urbana, tal proposição nos leva a pensar o bairro do Cruzeiro. Como se deu sua urbanização? Como essa urbanização afetou as sociabilidades dos moradores? No entanto temos que considerar outra proposição feita pelo mesmo autor quando realizou estudos sobre sociabilidade de Campina Grande na segunda metade do século XX, o mesmo, alerta sobre a impossibilidade de narrar a História dos bairros periféricos através das imagens fotográficas, uma vez que os fotógrafos campinenses voltaram suas objetivas particularmente para o centro da cidade, o que implica em enfatizar a dificuldade de uma pesquisa que carregue pretensão de apreender as origens dos bairros mais afastados através das fontes iconográficas, esse motivo nos levou a apreender

² Segundo Severino Cabral: “O prefeito foi responsável pelo alargamento das ruas de Campina Grande e destruição de prédios e desapropriação de casas, sem se preocupar das sociabilidades dos antigos moradores”(CABRAL FILHO, 2009, p.60-62).

historicamente a sociabilidade no bairro do Cruzeiro a partir da segunda metade do século XX e início do XXI quando a fotografia já podia ser alcançada por vários segmentos sociais.

No entanto, o nosso trabalho teve como finalidade fazer um exercício bem peculiar do trabalho do historiador: o trabalho de historiador detetive, onde o mesmo sai em busca dos vestígios. Com base nesse pressuposto nos valem do método detetivesco implementado pelo Carlo Ginzburg - uma figura importante para a realização da pesquisa. O mesmo abre espaço para que tenhamos uma noção de método - a do método indiciário, também conhecido como método detetivesco, um método importante para todos que querem escrever algo a partir de determinadas fontes que devem ser cuidadosamente examinadas para que não possam ser confundidas com meras cópias, visto que “é preciso não se basear, como normalmente se faz, em características mais vistosas” (GIZBURG, 1989). O método indiciário na perspectiva do Ginzburg segue três importantes referências que podem trazer ótimas lições de métodos para o trabalho do historiador: Morelli, crítico de arte, que procura analisar os pormenores mais negligenciáveis de uma obra de arte; Conan Doyle, voltado para as tramas do romance policial com a figura do Sherlock Holmes um detetive que se vale da arte da dedução para desvendar os mais misteriosos crimes; e o psicanalista Freud, cujos diagnósticos resultam de minucioso trabalho de observação da psique.

Santos Observa:

O método estabelece uma relação para se chegar ao não dito, é aquele que permite exatamente seguir determinados rastros, pistas, sinais, vestígios, ou seja, o historiador procura nos detalhes aparentemente desinteressantes, desimportantes aquilo que não é dito, que está em linguagem simbólica (codificada). A linguagem simbólica é expressa através de códigos para nós e não para os que a utilizam, ou elaboram” (SANTOS, 2012. P. 26).

Como parte do desafio o importante é dominar o código. A chamada linguagem simbólica está para ser decifrada, portanto o que está para decifrar pode ser muito mais importante do que o dito. Decifrar os códigos é como se tivesse o tempo todo a desvendar segredos. Dessa forma o método indiciário nos permite fazer qualquer tipo de leitura em toda e qualquer fonte, indo além daquilo que ela oferece em primeiro plano. Sendo assim, mesmo na dificuldade de se fazer um estudo dos bairros através das imagens que se apresentam como fontes escassas, fazer valer o papel de detetive, analisamos algumas imagens de acervos particulares, algo que nos permitiu realizar a pesquisa.

2.1. O bairro do Cruzeiro: localização e limites

O bairro do Cruzeiro está localizado na zona sul da cidade de Campina Grande-PB. Quanto as suas delimitações não temos uma demarcação precisa, pois moradores, autoridades municipais e estudiosos apresentam divergência no que diz respeito a essa delimitação. O geógrafo Lucas da Silva Nunes, em sua pesquisa apresentada em 2014 ao curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, afirma que a urbanização da zona sul do bairro do cruzeiro deu origem a outro bairro, conhecido como “Novo Cruzeiro” e que apesar de não ser concebido legalmente como um bairro pelas autoridades é reconhecido pelos moradores, uma vez que segundo o geógrafo, há uma organização de serviços de infraestrutura que faz dele um bairro:

O Novo Cruzeiro está situado na zona sul de Campina Grande, apesar de ainda Não ser considerado um bairro, onde o mesmo, legalmente pertence ao bairro do Cruzeiro, no entanto, o bairro do Novo Cruzeiro é percebido por seus habitantes como tal em função da organização de serviço, infraestrutura e da área ocupada motivo pelo qual, o bairro do Novo Cruzeiro já tem porte para ser considerado mais um bairro da cidade, neste sentido Energiza e CAGEPA, já denominam a localidade como um Bairro. Assim, nesse estudo trataremos e denominaremos o espaço estudado como um bairro. (NUNES, 2014, p.20)

O mapa seguinte apresenta outra delimitação que, segundo ele o bairro do Cruzeiro faz Limite: Norte: com os bairros da Liberdade, de Quarenta e de Santa Rosa; Sul: com o os bairros do Velame e do Distrito Industrial; Leste: com o bairro do Jardim Paulistano; Oeste: com os bairros de Santa Cruz e Presidente Médice, deste modo no mapa o referido bairro não é citado, podemos verificar esta delimitação na imagem a seguir:



Imagem 1: Mapa de Campina Grande

Fonte: <http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2015/05/estudo-faz-mapeamento-dos-homicidios-em-campina-grande.html>

Podemos pressupor diante de tais colocações feitas através de métodos e técnicas científicas, que houve uma expansão na malha urbana de Campina Grande e isso tem levado os moradores a desenvolver uma identidade que se contrapõe as concepções anteriores, uma vez que, segundo Nunes, a iniciativa de reconhecimento de um novo bairro parte dos moradores e não das autoridades, podemos considerar também que na tentativa de propor uma melhor delimitação para os bairros às autoridades incumbidas podem acabar negligenciando outras concepções como a dos moradores e de outras repartições como as citadas por Nunes. Desta forma, o trabalho aqui desenvolvido não tem a pretensão de tratar as delimitações do bairro de forma objetiva, pois os espaços trabalhados aqui na época ainda não haviam sido urbanizados, por isso levaremos em consideração a concepção desenvolvida no processo histórico.

2.2. Um passado revelado: urbanização e declínio das tradições: O cotidiano dos moradores do bairro do cruzeiro entre o final da década 1980 e 1990

Hoje, o Bairro do Cruzeiro, além de apresentar boa parte do seu território habitado e urbanizado, possui uma infraestrutura que engloba rede de esgoto, ruas calçadas e bem pavimentadas, no entanto esses elementos que constitui e dá especificidade ao Bairro foram incorporados gradualmente, segundo Diego Almeida (2015, p.42):

“ bairros do Cruzeiro e Presidente Médici surgem na cidade de Campina Grande como bairros destinados às classes populares; carentes, em sua fundação, de infraestrutura urbana e de serviços públicos como saúde e transporte e sem acesso regular a saneamento básico. Neste contexto, a decisão de morar nestes bairros, no passado, era percebida mais como uma necessidade do que como uma escolha, como relatou Luzia, professora de uma escola estadual local, membro da família 1:”

A afirmação de Almeida pode ser constatada em uma denúncia publicada em 1989 pelo Jornal da Paraíba. Nela podemos identificar vários indícios que possibilita pensar o cotidiano dos moradores do bairro do Cruzeiro, tendo em vista que nela os moradores expressam seus sentimentos como desejo de mudança, preocupações e insatisfação, além desses sentimentos transmitem aspectos físicos do bairro o qual nos passa a impressão de haver naquele momento uma luta entre o moderno e o tradicional.



Imagem 2: rede de esgoto

Fonte: Jornal da Paraíba 1989

No primeiro plano da imagem o fotógrafo deu destaque ao turbilhão de manilhas dispersas e desajustadas, disputando o espaço caótico com fechos de mato- o que nos dá a sensação de uma comunidade marginalizada. Esse sentimento é reforçado pelo texto quando descreve que o estado não tinha nenhum compromisso com a população de baixa renda.

No segundo plano da imagem, podemos observar uma casa solitária no canto esquerdo, do lado não há presença de outras moradias, mas de muitas árvores, o que demonstra que naquele momento tradição e modernização conviviam juntas, porém em conflito, pois o que reportagem deixa transparecer é que a modernização do espaço era objeto de desejo da população que pedia mais agilidade das autoridades na construção do canal. A disputa entre meio natural e o meio artificial afluía no seio da comunidade rumo à civilização, tal fenômeno pode ser constatado com mais precisão na matéria descrita ao lado da imagem. Nela o jornalista relata que os moradores estavam preocupados com a grande quantidade de insetos e roedores que infernizavam suas vidas trazendo desconforto e doenças, mas que tudo isso era provocado pelo esgoto que escoava na frente das casas.

Um fator importante que não é citado na reportagem, mas que merece ênfase e pode ser imaginado está relacionado ao cheiro, pois o simples fato do esgoto correr a céu aberto nos faz refletir sobre o mau cheiro que exalava o bairro, que segundo a matéria “uma grande quantidade de água de esgoto ficava represada em frente à casa da moradora”.

A lama não se fazia só dos esgotos que jorravam das casas e corria a céu aberto como também das chuvas que alagavam as ruas e dificultava a vida dos moradores. A imagem seguinte nos faz pensar como era a Avenida Juscelino Kubichek entre o final da década de 2010, ela que delimita o bairro do Cruzeiro com o bairro do Presidente Médici e dá acesso aos bairros do velame, Acácio Figueiredo e Catolé do Zé Ferreira.

Na fotografia publicada pelo Jornal da Paraíba, podemos verificar que o fluxo de carros e de pedestres ainda era bastante lento, o que podemos supor ter sido provocado pelas péssimas condições que a mesma se encontrava naquele momento. Se quando chovia a lama dificultava a passagem dos carros e a locomoção dos pedestres, podemos imaginar que durante o verão a preocupação dos moradores e daqueles que transitavam pela avenida se faziam pela poeira provocada pelo vento e pela passagem de veículos motorizados.



Imagem 3:Av. Pres. Juscelino Kubitschek ente as décadas de 1990-2010

Fonte:Jornal da Paraíba (1990-2010)

Essa preocupação foi diminuída ainda no início da década de 2010 quando a avenida passou por uma grande transformação. Na ocasião boa parte do seu comprimento foi asfaltada, segundo Nunes:

A prefeitura municipal de Campina Grande foi a realizadora do capeamento asfáltica da Avenida Juscelino Kubstchek no ano de 2004 na gestão da então prefeita Cozete Barbosa. O projeto inicial dessa avenida contemplava duas vias de acesso, no entanto se deu um impasse frente aos moradores que ali já residiam que não entram em um acordo com a prefeitura e assim a avenida a partir do trecho do velame até o cruzamento com a BR230 permaneceu com apenas uma via” (NUNES,p.29).

No entanto, no final da década de 2010, a avenida passou por um processo de requalificação, entre outras melhorias podemos verificar a renovação do asfalto, melhoramentos da calçada central, ampliação da iluminação e a instalação de um espaço com vários equipamentos que incentivou a prática de esportes e exercício físico, tal feito foi registrado na matéria publicada pelo site clikpb no dia 10 de 05 de 2009 e na imagem publicada no site FLICKR no ano de 2011.



Imagem 4 : Avenida Presidente Juscelino Kubitschek 2011

Adaptação : José de Sousa

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/69132172@N02/6421083281>

Para a socióloga Maria Jackeline Carvalho :

... ao transformar a estrutura urbana e, conseqüentemente, a condição social na cidade, a requalificação impôs um nítido processo contemporâneo de higienização e desigualdade ao redesenhar o traçado urbano da cidade ativando concepções e valores que, diretamente atingiram a áreas centrais e a periferia de Campina Grande com a disciplinarização e hierarquização desses espaços. (CRVALHO, p.14).

Com a pavimentação e o embelezamento da avenida muitas pessoas passaram a praticar exercícios físicos e o fluxo de veículo também aumentou tendo em vista que esta avenida é o meio de acesso mais rápido aos bairros citados anteriormente, a requalificação provocou uma enorme mudança nos hábitos e costumes cotidianos dos moradores, pois muitos aproveitaram o fluxo de pessoas para explorar o comércio ao longo da avenida. Podemos supor também que a requalificação provocou o deslocamento dos moradores antigos, tendo em vista que a área passou por uma supervalorização, o que levou a um aumento no preço das moradias e conseqüentemente fez emergir um novo estilo de vida que impôs uma nova ordem: a do progresso que visa obediência e uniformização dos seus usuários. Isso não nos obriga pensar que os usuários também não desenvolvam táticas de subversão e bricolagem às ordens impostas pelo progresso.

A transformação do espaço urbano não ficou apenas na melhoria de saneamento básico, iluminação e pavimentação das ruas do bairro Cruzeiro, durante o percurso de tempo que se estende do final da década de 1990 ao ano de 2016 o comércio imobiliário juntamente

com as iniciativas estatais empreenderam grandes negociações, entre elas a venda de terrenos, construção de casas e conjuntos habitacionais e condomínios luxuosos.

Outra iniciativa que mudou a fisionomia do bairro e por consequência os costumes dos moradores foi o negócio imobiliário que entre outros levou a privatização do espaço que ficava na proximidade da Avenida Almirante Barroso e que fez com o que muitas práticas, que eram realizadas diariamente na comunidade deixassem de existir naquele espaço.

A imagem seguinte foi garimpada da internet, e provavelmente foi produzida entre os anos de 2016 e 2017, podemos datar datá-la a partir de outra iniciativa que se faz presente no segundo plano da imagem no canto esquerdo, trata-se do prédio em que viria a ser ocupado pela rede de supermercado Walmart, segundo a publicação do paraibaonline, em 13 de abril de 2016³ a rede anunciou a construção do supermercado; já em outra publicação de 14 de dezembro de 2017⁴ a rede anunciava a inauguração, desse modo inferimos que a fotografia foi produzida nesse espaço de tempo. Nela podemos verificar que o espaço foi cercado provavelmente para impedir que pessoas transitassem pelo local; no centro da imagem podemos observar que foi edificado um estabelecimento que leva o nome de uma corretora imobiliária, sendo erguido especificamente para atender os futuros donos das terras loteadas.



Imagem 5: Localização a onde eram realizado os jogos do Clube Atlético Cruzeiro
2014 e 2016

Fonte: aplicativo Google Earth

³<<https://paraibaonline.com.br/2016/04/walmart-anuncia-construcao-de-nova-filial-em-campina-grande/>

>Acesso em: 24 de novembro de 2018.

⁴<<https://paraibaonline.com.br/2017/12/walmart-da-detalhes-da-inauguracao-de-novo-hipermercado-em-campina-grande/>> Acesso em: 24 de novembro de 2018.

Esse foi um dos maiores negócios imobiliário do Bairro do Cruzeiro, uma vez que provocou o cercamento de uma enorme extensão de terra e levou o fim das práticas tradicionais que eram desenvolvidas naquele espaço.

Como podemos observar, embora a cidade tenha experimentado alguns signos urbanos considerados modernos no início do século XX, o mesmo não aconteceu com os bairros, podemos constatar tais pressupostos através das imagens e de outras fontes que nos dão testemunho do passado que as iniciativas imobiliárias privadas juntamente com as políticas estatais, além de dar origem ao “bairro do novo cruzeiro” fez emergir um novo modo de vida, visto que o bairro ganhou nova estrutura num processo que perdurou várias décadas aqui analisadas que vão da década. Tendo conhecimento do forte processo de urbanização e requalificação que ocorreu no bairro do Cruzeiro, nos próximos tópicos nos propomos a compreender a urbanização e modernização e como esta afetou as sociabilidades do bairro do cruzeiro a partir dos vestígios iconográficos, quais práticas eram desenvolvidas pelos moradores nos locais em que a urbanização não se fazia presente?

2.3. Práticas de lazer no bairro do Cruzeiro: a urbanização e a decadência dos campos de pelada

Segundo Jackeline Carvalho (2011, p.18), foi entre as décadas de 1970 e 2000 que a urbanização e propostas de requalificação ganharam força em Campina grande ao mesmo fez surgir um novo estilo de vida os quais entraram em conflito com as sociabilidades tradicionais.

No que diz respeito ao Bairro do Cruzeiro, nos lugares em que a urbanização não havia se imposto com efetividade, crianças, jovens e adultos se encontravam para se divertir. Nestes lugares eram desenvolvidas uma infinidade de brincadeiras, entre outras podemos verificar algumas como empinar pipa, jogar capoeira e jogar futebol de pelada.

No ano de 1894 o inglês Charles Miller retornou da Inglaterra com duas bolas uniformes e chuteiras, naquele ano o brasileiro passou a conhecer o futebol; em 1913 Antônio Fernandes Bioca trouxe a novidade para campina grande⁵. Com o passar do tempo o futebol foi ganhando força entre seus praticantes e amantes, e na medida em que o futebol se afirmava como uma prática esportiva foi criando regras que fez dele uma prática “civilizada” ou

⁵ Ver publicação sobre a História do futebol em Campina Grande no blog retalhos Históricos de Campina Grande<http://cgretalhos.blogspot.com/2018/07/a-historia-do-futebol-em-campina-grande.html#.W_m857FKjI> Acesso em: 24 de novembro de 2018.

“profissional” diferente do “futebol de pelada” ou “esporte Amador” como é chamada por muitos. A grande diferença entre eles é que o primeiro precisa de empresários para se perpetuar, de um estádio como o maracanã⁶ para realização do esporte, de patrocínios de empresas nacionais e multinacionais, enquanto o outro só precisa de um espaço irregular, de um grupo de trabalhadores ou de amigos para ser realizado, daí podemos perceber as dificuldades do segundo se perpetuar no tempo, tendo em vista que a cada dia que passa os mesmos têm que reinventar a sua prática, elaborar táticas para não sucumbir aos efeitos da modernidade.

Em um artigo publicado em 2013 o memorialista Jóbedis Mágnio de Brito fez declarações importantes sobre o destino da prática de “futebol de pelada” que segundo ele vem sendo extinto e uma das causas seriam os empreendimentos e progresso que “engoliam as traves” que ocupam os espaços, em que os “peladeiros” se encontram para se divertirem nas horas de folga:

Sabemos que o fim dos times e os campos tradicionais de Campina Grande tiveram um afeto nefasto sobre o futebol profissional da cidade... Os campos periféricos do centro da cidade são apenas um exemplo. O progresso engoliu suas traves, sua história. Como foram engolidas dezenas, talvez centenas de campos, num raio estimado em até 10 quilômetros do centro da cidade, a Praça da Bandeira. Tudo foi devastado, substituído por prédios, avenidas e shoppings.

Empreendimentos estão ocupando os espaços dos campos, apesar de serem importantes para o desenvolvimento, mas também não podemos deixar de ter uma preocupação com a reserva oficial de áreas para os campos para que eles não possam ser extintos, pois seria um atentado a prática do esporte, lazer e cultura.

NEVES, Jóbdias. A extinção do Futebol de pelada em Campina Grande. **Museu Virtual do Esporte de Campina Grande**, 2013. Disponível em:< museudoesportedecampinagrande.blogspot.com> Acesso em:17 de Nov. de 2018

Nas imagens cristalizadas por fotógrafos da década de 1990 podemos observar que no bairro do Cruzeiro existiam vários espaços ou campos de pelada. A imagem seguinte trata-se do espaço analisado anteriormente nas proximidades onde hoje se encontra o supermercado Todo Dia da rede Walmart, nela o fotógrafo tentou retratar o time que leva o nome do bairro e que resiste às imposições da modernidade - o Clube Atlético Cruzeiro, através das táticas de

⁶ Estádio Mario Filho conhecido como (Maracanã) foi inaugurado em 1950. Para mais informações acessar < <https://www.bn.gov.br/noticia/2015/06/historia-estadio-mario-filho-maracana-65-anos>> acesso em : 24 de novembro de 2018.

consumo a qual se aproveita das brechas deixadas pelo fenômeno da urbanização para manter sua prática ativa, a imagem seguinte foi cristalizada quando o time ainda aproveitava o espaço nas proximidades da av. Almirante Barroso. Nela podemos ver que a urbanização já se fazia presente nos arredores do espaço em que eram realizadas as práticas; no primeiro plano podemos verificar um grupo de trabalhadores que frequentavam o espaço nas horas de folga e aos domingos. Ali eram realizados campeonatos onde disputavam times de Campina Grande e das Cidades vizinhas; no segundo plano podemos observar a existência de muitas árvores, a presença de algumas casas, que ficavam às margens da Avenida Almirante Barroso, no canto direito da imagem um prédio inacabado já se fazia presente.



Imagem 6: Clube Atlético Cruzeiro 1998

Fonte: Arquivo da sede do clube

Tamanho da Imagem: 20x30

Na parte superior, no canto direito da imagem, observamos a descrição em que provavelmente a imagem foi cristalizada. Trata-se do ano de 1998. Na parte inferior, observamos a inscrição grosseira dos 12 jogadores que estão presentes na imagem, por trás dos jogadores estão presentes outras pessoas que provavelmente frequentava o espaço para torcer pelo time do bairro, quanto à fotografia, a mesma se encontra bem emoldurada, bem conservada na Sede no Clube que atualmente fica localizada à Rua Aprígio Nepomuceno.

Com a urbanização dos espaços do Bairro do Cruzeiro o clube Atlético do Cruzeiro passou a utilizar outro lugar para dar prosseguimento a prática esportiva em um bairro mais distante. A imagem seguinte foi registrada no primeiro semestre de 2018 em um campo localizado no bairro das Malvinas - zona oeste de Campina Grande. Na imagem N°7, podemos observar que além dos jogadores estão presentes o que parece ser torcedores e ex-

jogadores que pousam para fotografia ao lado dos jogadores do clube campeão da 30ª copa que leva o nome do bairro em que foram sediadas as disputas. No texto observamos também que o mesmo ostenta o título de campeão invicto.



Imagem 7 : Clube Atlético Cruzeiro 2018

Fonte: Arquivo da sede do clube

Tamanho da Imagem: 40x50

2.4. Ser criança no bairro no bairro do Cruzeiro na década de 1990

Na imagem seguinte podemos observar um grupo de onze garotos com idades díspares e uniformes que não condiz com o que é sugerido pelas regras oficiais do futebol, pois trazem em sua uniformização camisas verdes e brancas uma “bola dente de leite” alguns com meia outros com meião, um garotinho no canto direito da imagem apenas com um par tênis. Podemos imaginar como estes garotos da fotografia reinventavam o seu cotidiano através dos restos que chegavam até eles.

O que parece é que o grupo garotos presentes na imagem, se arrumaram para serem imortalizados, uma vez que para realização desse tipo de entretenimento, bastavam apenas, duas coisas essenciais: uma bola dente de leite e um terreno em que houvesse o predomínio de areia e grama, sem sinais de casas, carros ou paralelepípedos, como comentou com saudosismo o memorialista Jóbedis Mágnio de Brito. Estes elementos seriam o bastante para que a diversão de um grupo de crianças estivesse completa. Aqueles garotos não conheciam, ou não tinham acesso a algumas tecnologias da modernidade como celulares, smartphones ou videogame, não acessavam youtube, facebook ou whatsapp, a brincadeira era feita basicamente com os produtos que o meio lhes ofereciam, no entanto, após a modernização e urbanização

do espaço tiveram que deixar de jogar futebol de peladas ou procurar outro local para se divertir, pois aquele futebol nas horas vagas nos campinhos que está representado na fotografia, em alguns anos iriam dar lugar as novas residências que proliferaram o bairro do Cruzeiro.



Imagem 8: Trintão Futebol Clube 1990

Fonte:Acervo de João Paulo Gomes

Tamanho da Imagem: 10x15

A imagem seguinte se trata de uma fotografia que também foi produzida no início da década de 1990, nela podemos verificar que o espaço foi mais enfatizado pelo fotógrafo em relação à foto N°8, nela podemos ver a paisagem do Bairro de forma mais ampliada. Isso pode ser enfatizado pela dispersão de coisas que a fotografia nos transmite. Em primeiro plano, podemos ver dois adultos e uma criança que posam para fotografia trajados com roupa de capoeira, o que nos indica que ali, além do futebol, algumas pessoas se encontravam para treinar e jogar capoeira, mas adiante por trás da jovem, vemos uma criança que parece está correndo, a sua mão esquerda está para cima, o que nos deixa pensar que aquela criança está tentando empinar uma pipa, prática que também era bastante comum naquela época, pois ali não havia movimento de carros, grande quantidade de fios, postes ou casas, elementos que dificultam esse tipo de prática quando não impulsiona a seu desaparecimento; no segundo plano também podemos observar que o local já se encontrava bastante urbanizado, pois há uma presença de muitas casas às margens do espaço.



Imagem 9 :Jogadores de capoeira primeira década de 1990

Fonte: Acervo pessoal Luzeilda Sousa

Tamanho da Imagem: 10x15

Os locais em que foram registradas as sociabilidades aqui analisadas, hoje se encontram totalmente urbanizadas, por esse motivo muitos atletas se deslocando para outros bairros da cidade na esperança de manter viva essa tradição, como é o caso dos atletas do Clube Atlético Cruzeiro. Quanto aos garotos representados na imagem N°8, não temos mais registros, o que nos leva a pensar que após a urbanização do espaço aqueles garotos não deram continuidade as suas práticas.

As práticas analisadas nas últimas quatro imagens não foram as únicas a serem atingidas pela onda de urbanização e modernização pela qual passou o bairro, outras práticas também entraram em cheque como a arte circense.

2.5. As artes circenses no bairro do Cruzeiro

Uma prática que perdeu força ou até mesmo deixou de ser exercida foi à utilização dos espaços públicos para instalações de circos e parques de diversão no bairro do cruzeiro. Estes recintos modificavam a paisagem do lugar e os hábitos dos moradores, de maneira que promoviam brincadeiras com a garotada e apresentações artísticas que encantavam pela simplicidade e ousadia daqueles que muitas vezes arriscavam a própria vida para divertir a plateia, garantir seu sustento e a imortalidade da arte circense.

Entre o final da década 1980 e meados da década de 1990 um elemento inusitado causou grande alvoroço na comunidade, esse elemento não se tratava de um palhaço que

arrancava risos da garotada, nem de um equilibrista que se arriscava nas alturas, mas de um felino, o qual foi motivo de alegria e medo, pois muitos moradores não concordavam com a presença do bicho nas imediações do bairro.

O evento foi cristalizado em uma matéria publicada pelo Jornal da Paraíba, o qual nos oferece um testemunho do que aconteceu naquela época, pois apesar da matéria discorrer em seu texto que os moradores temiam uma possível fuga do animal, a imagem nos revela uma grande quantidade de espectadores que cercavam a jaula e observavam o bicho, entre elas crianças e adultos que demonstram entusiasmo com a presença do felino, o que nos leva a crer que naquele momento já se travava uma luta entre aqueles que tinham o circo como uma festa e os que não admitiam a sua presença ou de animais.



Imagem 10: O circo final da década 1980 e início da década de 1990

Fonte: Jornal da Paraíba

Durante todo percurso que engloba o final da década de 1980 até os dias atuais, pessoas preocupadas com os direitos dos animais e donos de circos entram em uma querela que culminou na publicação da lei de 09/06/2018 sancionada pelo então governador da Paraíba Ricardo Coutinho, a lei que proíbe os espetáculos de circo com uso de animais no “Art. 63. Fica proibida a permanência, utilização e/ou exibição de animais de qualquer espécie em circos, espetáculos e eventos instalados ou realizados no estado da Paraíba”.

Esses fragmentos aqui analisados nos revela que à medida que a modernização e urbanização foram tomando espaço na cidade ficou cada vez mais escassa a presença de práticas tradicionais, falo das práticas esportivas como no caso do futebol de pelada, de entretenimento como empinar pipa e das manifestações artísticas que além da urbanização encontram obstáculos nas leis que tentam civilizar os espetáculos. Nos lugares em que a

urbanização não se faz presente é que o mundo artístico e a população menos abastada da cidade reinventam seu cotidiano aproveitando da ausência de uma urbanização que não se faz presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aqui verificamos que os estudos que tem a pretensão de revelar os hábitos, os costumes e as práticas das pessoas comuns através das fontes iconográficas, foi uma contribuição da Nova História Cultural, e que este modelo de escrita ganhou força na década de 1990, o que foi de grande relevância para o desenvolvimento desta pesquisa que teve como prioridade o uso das imagens fotográficas, mas não podemos deixar de enfatizar a importância da História Local a qual influenciou enormemente no recorte da pesquisa, ao privilegiar o bairro do Cruzeiro como objeto de estudo.

Vimos também que há uma imprecisão que se faz presente na vida dos moradores do Bairro, tendo em vista que o mapeamento do mesmo sofreu algumas alterações após a forte urbanização que ocorreu nas últimas décadas, isso pode ser observado através da pesquisa feita por Lucas Nunes, a qual confirmou que moradores e autoridades incumbidas de organizar as delimitações dos bairros de Campina Grande apresentam discordâncias.

No que se refere às influências causadas pela modernização e urbanização do bairro do Cruzeiro, podemos enfatizar aquelas que possibilitaram uma melhor qualidade de vida aos moradores como melhoria do saneamento básico, iluminação pública e pavimentação como foi constatado através das imagens que ilustraram as mudanças ocorridas na avenida presidente Juscelino Kubstchek, uma vez que as modificações na estrutura física do bairro foram feitas em favor da própria sociedade, em contrapartida ao modificar um espaço os urbanistas em consonância com o poder público e privado, na maioria das vezes não leva em consideração os efeitos contraditórios que a mesma pode desencadear como dominação simbólica e exclusão social, a primeira por meio da estratégia dos aparelhos de controle que visa uma transformação dos lugares em um espaço desejado, a segunda- quando o objetivo desejado não é alcançado causando assim um mal estar social que pode levar a perda de uma identidade ou atitudes preconceituosas, uma vez que a identidade que se impõe na modernidade não considera as anteriores. Todavia podemos perceber que as práticas aqui analisadas continuam resistindo mesmo sofrendo com os efeitos da modernidade, como é o caso do Clube Atlético do Cruzeiro.

Outro ponto importante sobre a pesquisa e que deve ser ressaltado, é que a mesma dá existência às várias formas de se viver, uma vez que na fase da modernidade que vivemos o ser social está incessantemente na busca de um mundo perfeito e acaba esquecendo ou não valorizando as diversas maneiras de viver, de se divertir, trabalhar e morar, fenômeno corriqueiro que é comum no mundo globalizado que nos enche de desejos e que muitas vezes se tornam um mal para nossa existência.

Esperamos que após entrar em contato com essa pesquisa os leitores possam desenvolver o pensamento crítico em relação à identidade observando que o outro também tem uma forma de ver mundo e que deve ser lembrada e respeitada para que possamos viver em uma sociedade mais justa e democrática.

ABSTRACT

The city of Campina Grande already was analyzed by some scholars, between them Geógrafos, Sociologists and Historians. However, when dealing with the city some of these scholars have not given to the quarters of city one which had importance. It is in this direction that the work based for estimated of new Cultural History and Local History, has the objective to analyze daily of the inhabitants the quarter of the Cruise in the final years of the decade of 1980 to the beginning of century XXI. The research will tread its narrative using as method, the *indiciário* which the historian uses to discover silence of the past through the iconographic vestiges. However we will not leave to give to the due importance the written sources that assist and give sustentation to the craft of the Historian. The work is divided in two chapters: In the first one a bibliographical consultation was developed to understand the occurred metodológicas changes in the craft of the historian and as these changes have contributed for the new research; In as the chapter it was developed a mineral prospecting and exploration of images, with objective to understand the dynamics of the modernization and urbanization of the quarter of the Cruise and as these phenomena had influenced in the daily one of the inhabitants.

Word-Key: Photograph. Local history. Culture.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria. História e Antropologia. *In*: VAINFAS, R. CARDOS, C. **Novos Domínios Da História**. - Rio de Janeiro, 2012.

ALMEIDA, Diego. **Mobilidade social sem mobilidade espacial: Nova Classe Média e Transformações no Espaço Urbano em Campina Grande (PB)**. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Universidade Federal de Campina Grande.

BARROS, José D'assunção. O projeto de pesquisa em História: Da escolha ao quadro teórico. Peropolis, RJ: Vozes, 2005.

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História: Fundamentos e métodos.** Ed.:2, São Paulo, Cortez, 2008.

BURKE, Peter. **A revolução francesa da historiografia: A escola dos Annales 1929-1989.** SP: Universidade estadual paulista, 1991.

BLOC, March. **Apologia da História, ou ofício do historiador.** Rio de Janeiro, Zahar,2001.

_____. **Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e História.** Tadução: Federico Carotti. – São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CARVALHO, Maria. **Discurso e Imagens da Cidade: O processo de requalificação urbana de Campina Grande-PB (1970-2000).**2011 tese (mestrado em sociologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história.** In A operação historiográfica. RJ: Forense Universitária, 1982, pg. 78-93.

_____. **A Invenção de cotidiano: Artes de fazer.** 8. ed.: Petrópolis: Vozes, 2002.

FILHO, Severino. **A Cidade Revelada: Campina Grande em imagens e História.** 1.ed.: Universidade Federal de Campina Grande-2009, PP.43-70.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: O cotidiano de um moleiro friolano perseguido pela inquisição.** Tradução: Maria Betânia Amoroso. 1ed. SP; São Paulo, Companhia das Letras, 20016.

GOMES, Paulo Cesar. **História, Memória e Fotografia: Um olhar sobre a cidade de Serra Talhada-PE (1940-1980).** 2017, Dicetação(Mestrado em História)- Universidade Federal De Campina Grande, Campina Grande.

GONÇALVES, Márcia. História Local: O reconhecimento da identidade pelo caminho da insignificância. *In*: MONTEIRO, A. GASPARELLO, A. **Ensino de História: sujeito, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Muad X:FAPERJ, 2007.

JENKINS, Keith. **A História Repensada**. -3.ed., 3ª impressão. SP; São Paulo, Contexto, 2011.

NUNES, Lucas. **O conjunto Novo cruzeiro enquanto expansão Urbana de Campina Grande–PB**. 2014, artigo (Para Conclusão de Curso em Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba.

PESAVENTO, Sandra Jathay. **História e história cultural**. 3. Ed, Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

REIS, José Carlos. **A história entre a filosofia e a ciência**. 3.ed., 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

_____ **historicismo, modernidade, temporalidade e verdade**. 3 ed. Rio de Janeiro: Fgv, 2006.

SANTOS, Luiz Carlos. Uma História de Alagoa Nova. *In*: BARBOSA, Antonio Clarindo Sousa. **História dos municípios Praibanos**. 1 ed: Campina Grande: EDUFPG, 2012, v. 01, p.07 -19.

SCHMIDT, Maria. O ensino de História Local e os desafios da formação da consciência histórica. *In*: MONTEIRO, A. GASPARELLO, A. **Ensino de História: sujeito, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Muad X:FAPERJ, 2007.